

António Martins Matos

# Voando sobre um ninho de **STRELAS**

2.ª Edição

FAZCOM **ex libris**

## Introdução

Caro leitor

Nunca foi minha intenção escrever um livro sobre o Ultramar, não tenho veia de escritor e sempre preferi estar do outro lado, comodamente sentado e a saborear uma boa leitura.

Foi assim que, de entre muitas obras entretanto digeridas, tanto gosto do pequenino "O Velho e o Mar", como do grande "Guerra e Paz".

Também apreciei o livro do meu amigo paraquedista José de Moura Calheiros, "A Última Missão", em termos de relatos sobre a Guerra Colonial, talvez uma das mais coerentes obras que por aí circulam.

Ultimamente verifiquei que tem havido alguma proliferação de novos livros abordando estes temas, a Guiné até está bem representada no que refere a obras relatando acontecimentos passados na área das forças terrestres, mas a Força Aérea tem sido esquecida, talvez pelos poucos intervenientes naqueles acontecimentos ainda não se terem dado a tais incómodos.

Esta decisão tão suave e pragmática de, bem recostado, ler os textos de outros, não me tem impedido de, aqui e ali, ter escrito ou colaborado num ou outro artigo sobre acontecimentos ocorridos na Guiné, nomeadamente sobre a chegada dos mísseis Strela ao território. Alguns desses meus textos andavam dispersos, depois de devidamente burilados e libertos do contexto em que haviam sido escritos, foram agora reagrupados e incluídos neste livro.

Já andava a adivinhar que algum dia tinha de ser, alguma espoleta literária retardada havia de acabar por matar a preguiça e fazer avançar a máquina de escrever, não lhe conto o que me fez tomar tal decisão, mas resolvi deitar mãos à obra, tentar recordar o envolvimento

da Força Aérea Portuguesa na Guiné, no período entre 1972 e 1974.

Há, porém, alguns pontos para os quais, desde já, gostaria de o alertar.

Em primeiro lugar, não é um livro só sobre a guerra na Guiné. Sendo verdade que a maior parte dele é focado nesse local e período, também tem muito de mim, a minha história, os antes e os depois, começando na juventude, passando pela guerra e pelo 25ABR74 e aflorando um outro tempo, o dos velhos, dos mais tarde chamados de...

... "Antigos Combatentes".

Mas também não é um livro de memórias, o leitor não espere algo do tipo "I Love Me", nem do "Major Cuco e Alvega", nem de tiros e fogueiras, nem romanceado e cheio de floreios. Em verdade o que lhe trago e pretendo mostrar foi o que nós, os poucos aviadores que estiveram na Guiné entre 1972 e 1974, viveram, não só algumas histórias dos bons momentos mas também as falhas, desgostos e mágoas associadas.

Também não será um livro muito ao gosto dos Historiadores, com os factos apenas apresentados, do modo como aconteceram e no tempo em que aconteceram, despidos das variadas envolventes que os condicionaram. Também junto o que pensei e ainda penso sobre o que se passou por lá, a minha opinião sobre e interpretação de alguns acontecimentos que ocorreram, alguns na Metrópole, outros na Guiné, e que marcaram a guerra em África.

Outro ponto que gostaria de mencionar, esta já é uma segunda edição. Por motivos variados tive de mudar de Editor. Com a mudança a que me vi forçado, aproveitei para corrigir alguns pontos do texto e incluir dois novos capítulos, basicamente as relações de Portugal com o Mundo, ausentes na primeira edição.

Sendo verdade que a primeira parte do livro é mais do tipo "Air Power", já o vivido na Guiné tem muito a ver com o apoio e a ligação com as forças terrestres. Nestes últimos anos tenho encontrado muitos amigos do Exército que estiveram comigo na Guiné, nos inúmeros quartelamentos por lá espalhados e que, bem ou mal, algumas vezes tentei apoiar. Com eles acabei por conhecer uma outra visão da guerra, bem mais difícil que a minha.

Último ponto, desde já peço a condescendência do leitor para as

fotografias nele inseridas... Acredito que uma foto vale 1.000 palavras e por isso juntei umas tantas. Muitas delas são da minha autoria, outras há em que tive de me socorrer da Internet, penso serem de cariz público, mas, caso eventualmente esteja a violar algum direito de autor,... peço-lhe desde já desculpa pelo sucedido e espero que goste de ver a "sua foto" inserida neste "Nosso Livro".

A minha Comissão de Serviço na Guiné dividiu-se em dois períodos distintos, o de 1972 e o de 1973/74; em cada um deles houve uma aeronave prioritária e uma outra remetida para segundo plano.

Assim, no primeiro ano de Comissão o avião mais voado foi o Dornier (DO-27), o que me permitiu conhecer todos os recantos da Província. Deste modo acabei por aterrar em alguns aquartelamentos com pista grande e asfaltada, onde me tratavam com alguma indiferença (passavam por lá muitos aviões, eu era só mais um), até às outras, estreitas, pequeninas e bem isoladas, onde era sempre recebido como um autêntico "Príncipe", o único avião que viam durante a semana e que, entre outras coisas, lhes transportava o material mais desejado, os sacos do correio.

No segundo ano e devido por um lado à escalada na guerra, por outro à escassez de pilotos de Fiat G-91, passei a voar esta aeronave quase em exclusividade e tudo se modificou. O contacto com os meus amigos terrestres passou a ser de um outro tipo, numa guerra mais triste e impessoal.

Esse ponto de viragem na intensidade da guerra teve a ver com a entrada no conflito do míssil Strela mas, ao contrário dos muitos "especialistas" que têm estudado e dissecado o assunto, não se iluda o leitor, o que perturbou a actuação da FAP não foi o míssil em si, mas sim o período em que desconhecíamos que arma era aquela, que foguete era aquele que nos perseguia.

Quando finalmente descobrimos as características da arma que disparavam contra nós, tudo se recompôs e voltou ao normal, o Strela passou para segundo plano, voltámos a ter mais respeito pelas armas antiaéreas.

Também é verdade que uma grande tristeza me invadiu quando, já na Metrópole e logo após o 25ABR74, alguns dos meus "antigos amigos", subitamente se transformaram em revolucionários,

antifascistas e oportunistas, e nos chamaram vários nomes feios, o mais habitual de ... “assassinos colonialistas”.

Felizmente que, para dourar a pilula, também apareceram alguns outros mais moderados, a tentar meter um pouco de água na fervura. Asseguravam que também havia pilotos antifascistas, até deitavam as bombas nas bolanhas<sup>1</sup>. Mal sabiam eles o que as Informações da época diziam, constava-nos que os guerrilheiros, fartos de serem bombardeados nas matas, tinham optado por se irem refugiar no meio das ditas bolanhas. Não acredito no Além mas, a haver algures qualquer coisa de Etéreo, é quase certo que, um dia, a coisa me vai correr mal, a mim e a uns outros meus verdadeiros amigos.

Quando isso vier a acontecer, certamente lá no meio do Fogo Eterno vou encontrar o “Pipocas” e o “Kurica”, depois só necessitamos de mais algum outro avião em penitência eterna, talvez o “Fininho”, para no intervalo dos Castigos Celestiais sempre irmos jogando umas partidas de bridge.

E, que fique desde já aqui referido, com o passar dos anos os maus dias da guerra foram sendo esquecidos, não sei se é da velhice, se é do Alzheimer, mas tenho saudades dos bons tempos passados na Guiné.

Uma outra aproximação que o leitor poderá fazer ao livro é dividi-lo em duas grandes áreas, factos e opiniões. Se uns são inamovíveis, já as outras podem estar sujeitas a desacordo, contestação e algo mais...

Desde já confesso, escrever os factos foi fácil, como diria alguém, “clarinho para militar”, mas na área das opiniões outro galo cantou. Muito meditei sobre o que me aconteceu, ou deveria ter acontecido, ou ...

No final escrevi a minha interpretação dos acontecimentos, o leitor irá concordar com algumas das minhas opiniões e discordar de outras, é a lei da vida, já que não se pode agradar a Gregos e Troianos.

Não há que negá-lo, as opiniões são o que são, as minhas podem não ser as suas, o perigo que devemos rejeitar a todo o custo é

1 Bolanha, Terreno pantanoso usado para o cultivo do arroz.

transformar as opiniões em factos. Ultimamente e aproveitando a nossa ida para velhos e com o Alzheimer a espreitar, até já tem aparecido muito disso, anda por aí muito herói encartado a elogiar-se de situações que apenas existiram na sua imaginação.

Um outro alerta que gostaria de deixar terá a ver com os estudiosos destes assuntos. Oxalá esteja errado mas acredito que num futuro próximo, ainda no tempo dos meus filhos, o mundo irá, mais uma vez, entrar em convulsão.

A Primeira Guerra Mundial foi de trincheiras. Na preparação para a Segunda, alguns iluminados conceberam e construíram uma Linha Maginot<sup>2</sup>, um mono de cimento armado, logo nos primeiros dias de guerra contornado pelas forças do 3ºReich.

A terceira guerra mundial foi (sim, já aconteceu) de um outro tipo, ganha pelo Ocidente, sem tiros, só com papel. A profusão de Documentos NATO com carimbo de SECRET era de tal ordem que os serviços secretos do Pacto de Varsóvia não conseguiram ler, traduzir e digerir toda aquela informação, acabaram por atirar a toalha ao chão.

Este possível próximo confronto (oxalá esteja errado) vai ser muito diferente, drones, armamento inteligente, laseres, ciber-ataques, racionamento de petróleo, falhas na energia, terrorismo, bugs malévolos, aldrabices na economia....

Também no meio aeronáutico o mundo vai evoluindo. Acredito que a minha geração de avião foi a última do tempo da Heroica, em que um piloto entrava num avião de combate onde nunca antes se tinha sentado, só ele e o seu medo, punha em marcha e descolava, depois treinava umas missões adhoc e, pouco tempo mais tarde, lá ia apoiar as tropas no chão.

E convenhamos, não sendo o mais apropriado, sempre era melhor que os pilotos da Royal Air Force da Segunda Guerra, 10 horas de voo e já sabes tudo, “*vai lá combater os boches*”.

Este tipo de descrições irá certamente originar alguns sorrisos condescendentes aos meus jovens leitores e pilotos do amanhã, o constatarem que os do meu tempo ainda usavam armamento à

2 Linha Maginot, fortificação construída entre a França e a Alemanha.

“Stuka”, largando bombas em picadas de 45/60 graus e metralhamentos variados, fixação no alvo, recuperando dos passes de tiro a muitos gês e sempre de costas voltadas para o inimigo, autênticos patos, sempre prontos a serem transformados em passadores, sempre sós, ... eles e os seus medos.

Agora as aeronaves são outras, ainda há dias vi o trambolho do F-35<sup>3</sup> (comentário só para “Fighter Pilots”, é mesmo um trambolho) a fazer loopings<sup>4</sup> quadrados, mas voar no espaço em que nós voávamos já não é a sua especialidade.

Aos poucos o armamento tem vindo a ser largado de mais alto, cada vez mais alto e com maior precisão. Neste momento e em voo baixo já só sobram os aviões A-10<sup>5</sup>, mesmo esses a caminho da reforma.

Aos que gostam de cinema, aconselho o filme “Good Kill” de Andrew Niccol, (2014), título em português “Morte Limpa”. Nele observamos os valentes “Fighter Pilots” vestidos de fato de voo e adornados com os respectivos emblemas de Esquadra, a operarem num interior de uma base militar, dentro de um contentor com ar condicionado, voando (manobrando?) as suas máquinas algures e a milhares de quilómetros de distância, mais parecendo um jogo de computador, sem aquele tremor fininho que habitualmente costumava escorrer pelas costas do piloto de caça, ainda assim com pensamentos bem stressantes ...

... “ se me abaterem o drone, vou buscar outro à caixa”.

Vai ser para este novo tipo de guerra que nos temos de preparar, qualquer militar dos dias de hoje já está ciente destes pressupostos. O importante será ter em mente que os requisitos de armamento para estes novos tipos de conflito têm de ser estabelecidos e validados pelos que combatem e não pelos que, nas Repartições, vão consultando uns catálogos...

Quase a terminar, gostaria de saber escrever algo sobre o “Medo”, o que nos fez (faz), avançar ou recuar em momentos de grande stress, cometer feitos heroicos ou um disfarçado encolher,

3 F-35, um dos mais recentes aviões de combate.

4 Loopings, manobra acrobática.

5 A-10, Avião de ataque ao solo.

escondidos a um canto e à espera que a crise passe, traumas momentâneos mas com sequelas futuras, assuntos ignorados durante muitos anos e a que agora chamam de “stress de guerra”, suportável para uns, destruidor para muitos outros.

Socorri-me de uma Psicóloga Clínica devidamente encartada, a Teresa Matos (minha filha), esse capítulo é dela, o meu “Muito Obrigado”!

Termino o livro com alguns Anexos, maneira de tentar esclarecer o leitor de algumas das muitas dúvidas que lhe irão surgir.

Um deles refere a Reunião de Comandos de 15MAI73 (Anexo 03) onde, face às novas ameaças entretanto surgidas na Guiné (mísseis, MiGs, artilharia pesada e de grande alcance) foram elaborados pelos combatentes uma série de requisitos para tentarem contrabalançar a situação.

Um outro Anexo refere o que a nossa mais alta patente militar, o Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas (CEMGFA), ponderados os prós e os contras, um mês mais tarde nos veio trazer de promessas de reforço (Anexo 04). Estes dois Anexos, só por si, vão revelar-lhe o grau de desinteresse com que os governantes de então tratavam os seus militares.

O Anexo 05 é a lista nominal dos 304 militares mortos em combate, apenas e só durante os 21 meses da minha passagem por terras da Guiné, retirado do Site Oficial da Liga dos Combatentes.

Bem gostaria de os ter podido ajudar melhor.

É à memória destes 304 jovens que dedico o meu livro.

E pronto, os dados estão lançados!

Boa leitura.

## Um pouco de História

De dimensão semelhante à Bélgica, a Guiné fica situada a meia distância entre o Equador e o Trópico de Câncer. É uma zona de clima tropical, quente e húmido, com duas estações principais, a das "chuvas", de Maio a Novembro, e a "seca" nos restantes meses. Em qualquer delas as temperaturas são sempre muito elevadas.

Com o seu interior composto essencialmente por savana, já o litoral é definido como sendo uma planície pantanosa, onde os rios e seus afluentes se vão espraiando e serpenteando por entre uma floresta tropical e cerrada. Toda a sua área é essencialmente plana, o seu ponto mais alto não terá mais de 300 metros de altura.

No que refere à fauna e flora e devido essencialmente ao clima e humidade, a região é extremamente rica. Podem ser facilmente observadas largas zonas de arrozais, cajueiros, mangais, árvores de tipo variado e majestoso, de 40 ou mais metros, hipopótamos, crocodilos e tartarugas, gazelas e macacos, aves de grande e médio porte. De modo mais escondido ainda se pode encontrar todo um mundo de répteis, desde a grande jibóia à pequena cobra verde dos coqueiros.

No entanto o animal mais perigoso daquelas paragens é o mais pequeno de todos, o mosquito, transmissor da doença da malária (chamada igualmente de paludismo), grande parte das vezes mortífera se não devidamente tratada.

A população é constituída por muitos e variados grupos étnicos; Fulas, Balantas, Mandingas, Manjacos, Papéis, Beafadas, Felupes, Mestiços..., havendo ainda alguns (poucos) cabo-verdianos.

Em termos de idioma, a língua oficial é o português ainda que apenas cerca de 30% o falem. A maioria entende-se em crioulo, um derivado do português, havendo alguns outros conjuntos de línguas/dialectos, próprios das suas etnias.

Grande parte da população é muçulmana, outros são animistas,

inúmeras crenças tradicionais africanas, o cristianismo é diminuto e apenas se tem desenvolvido nas cidades.

Ponto importante para a compreensão do evoluir da guerra entre o PAIGC e os Portugueses, sendo todos estes grupos étnicos considerados pelos Europeus de Guinéus (ou Guineenses), na verdade são tribos completamente distintas e que, ao longo dos séculos, sempre se têm guerreado entre si.

O primeiro branco a pisar terras da Guiné terá sido o português Nuno Tristão, em 1446, tendo mais tarde estabelecido a feitoria do Cacheu.

Bissau terá sido fundada em 1697, primeiro como fortificação militar e entreposto no tráfico de escravos, só muito tempo depois (1941) tornada a capital da Província.

No início do século XIX, com o desenvolvimento do colonialismo por parte de várias nações europeias, Portugal logo se viu atacado em termos políticos por vários países, um dos quais a própria Grã-Bretanha (GB), sempre tão nossa aliada, desde que os seus interesses não fossem tocados. Entre 1859 e 1870 tentou-nos usurpar Bolama (nesse tempo a capital da Província), na génese alguns problemas relacionados com o mercado de escravos, abolido pela GB e feito à socapa pela nossa Administração.

Até 1879 a Guiné foi administrada como sendo uma colónia de Cabo Verde e só bastante mais tarde é que o Arquipélago dos Bijagós passou a fazer parte integrante da Província.

Em 15NOV1884 teve início a Conferência de Berlim, liderada pelo Chanceler Otto Von Bismark. O Tema do Encontro era o de tentarem resolver os vários diferendos que iam acontecendo por África e, entre outros assuntos ... acabar com a escravatura negra.

Aqueles temas seriam fáceis de solucionar, mas a Conferência acabou por se estender por três longos meses. Na prática o que maioritariamente por lá se discutiu foi a partilha de África por umas tantas nações europeias. E todos os interessados acabaram por receber o seu quinhão, mesmo os que, até essa data, nunca tinham explorado aquele Continente, leia-se a Itália, a Bélgica e a própria Alemanha.

Um Continente três vezes maior que a Europa, tudo acabou por

ser dividido a régua e esquadro, os diamantes para uns, o minério para outros...

Salvaram-se desta divisão a Libéria e a Etiópia, na altura já países independentes e cristãos, tal orientação religiosa talvez tenha pesado na balança.

Em 1890 Portugal, que até essa data só explorava as Colónias junto à costa, resolveu dar um passo maior que a perna, o que ficou conhecido como o "Mapa Cor de Rosa", o querer ligar Angola a Moçambique. Logo os nossos amigos e aliados Ingleses nos mandaram calar. Também eles pensavam num outro "Rose Map", ligar o Egipto à África do Sul. Para conseguirem os seus intentos já só lhes faltava abocanhar a Tanzânia Alemã.

Ofendidos que nós ficámos, até fizemos um Hino...  
"Contra os Bretões, Marchar, Marchar..."



África em 1914

Em 1916 fomos forçados a entrar na Grande Guerra para defender as nossas colónias da cobiça alemã e, ao contrário do que a maioria dos portugueses pensa, tivemos muito mais baixas em Moçambique que na Flandres.

O final da 2ª Guerra Mundial deu origem a uma nova era de confronto, a chamada Guerra Fria, o Mundo dividido em dois blocos.

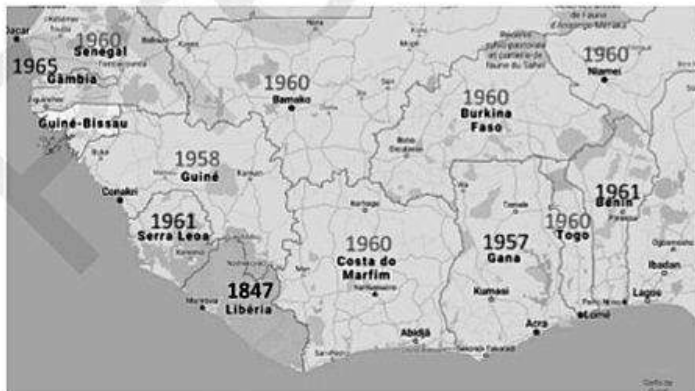
Entre 18 e 24 ABR 1955, ocorreu na Indonésia a Conferência de Bandung, o nascimento de um novo Conceito, os Países não Alinhados.

Essa Reunião foi como que a antítese de Berlim, com o reconhecimento do respeito aos Direitos Fundamentais de acordo com a Carta da ONU, a Igualdade de todas as Raças e Nações, fossem elas grandes ou pequenas e o Direito à Autodeterminação de todos os Povos.

Como resultado dos novos Ventos da Política Mundial, as Nações Europeias com Colónias sob a sua Administração, acharam por bem não se meterem em grandes quezílias e dar-lhes a Autonomia com vista a uma futura Independência. Claro que os europeus não iam ficar a perder, todos esses processos foram validados mediante algumas contrapartidas e acordos vários, de carácter essencialmente económico.

Neste jogo diplomático, Portugal optou por uma outra Estratégia, mudar o nome de Colónias para Províncias Ultramarinas e... avançar afoitamente pelos corredores da Política Internacional com o estatuto de...

... "Orgulhosamente sós".



Independências em África

No seguimento desta "evolução" e a partir de 1960, a Guiné Portuguesa acabou por ficar encurralada entre dois países acabados de se tornarem independentes da França, o Senegal a Norte e a Guiné-Conacri a Este e Sul.

Esta situação acabou por nos ser altamente prejudicial já que, tendo a Guiné uma fronteira de cerca de 700 quilómetros com esses dois países vizinhos, ambos se tornaram apoiantes declarados dos Movimentos para a Independência, permitindo-lhes a construção de alguns "santuários" e providenciando-lhes um apoio efectivo e mais que interesseiro, sempre na esperança de, mais tarde, nos conseguirem conquistar uma parte ou mesmo a totalidade do território.

Foram vários os Movimentos de Libertação que então se formaram na Guiné, a saber:

- Movimento de Independência da Guiné (MIG)
- União dos Povos da Guiné (UPG)
- Reunião Democrática Africana da Guiné (RDAG)
- União dos Naturais da Guiné Portuguesa (UNGP)
- União da População Libertada da Guiné (UPLG)
- Movimento de Libertação da Guiné (MLG)
- Frente de Libertação e Independência Nacional da Guiné (FLING).

Em Cabo Verde nasceram 3 Movimentos, nenhum deles teve grande desenvolvimento, já que os cabo-verdianos, com uma maior instrução, não estavam interessados em independências mas sim em emigrarem para Portugal, Europa ou mesmo para as Américas.

Esses Movimentos foram:

- Frente Ampla de Resistência Nacional (FARN)
- União do Povo das Ilhas de Cabo Verde (UPICV)
- Movimento de Libertação das Ilhas de Cabo Verde (MLICV)

Em 19 SET 56 Amílcar Cabral fundou em Bissau o PAI, Partido Africano para a Independência. Só quatro anos mais tarde é que este movimento passou a ser denominado PAIGC, Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde.

Com um forte apoio da URSS, o PAIGC acabou por absorver os

restantes Movimentos de Libertação, excepção para a FLING, que sempre os acusou de estarem a soldo de “potências estrangeiras”.

Não obstante conceitos variados, explicações rebuscadas e discursos inflamados, o juntar de Cabo Verde com a Guiné nunca conseguiu ser muito bem explicado por Amílcar Cabral, nem por nenhum dos seus apoiantes. Sendo verdade que alguns dos fundadores do PAIGC eram cabo-verdianos, (Júlio Almeida, Fernando Fortes, Aristides Pereira), nunca ficou claro se pretendiam formar um único país ou se, pelo contrário, pretendiam duas independências separadas.

Em boa verdade os guineenses sempre detestaram os cabo-verdianos, já que durante muitos anos a Guiné foi gerida à distância, a partir de Cabo Verde. Mesmo o primeiro Governador nativo, Honório Barreto (1813-1859), nascido no Cacheu, era de ascendência cabo-verdiana.

Também, e por terem mais estudos, a maior parte dos lugares de chefia na Guiné eram, quase sempre, ocupados por cabo-verdianos, o que sempre originava alguns ciúmes mal disfarçados.

Para Amílcar Cabral, eventualmente inspirado nas Teses de Negritude de Leopold Senghor<sup>6</sup>, o seu adversário não se extinguiu na Guiné ou Cabo Verde, antes englobava todo o Portugal Colonial, o seu objectivo, África.

Hábil negociador, a sua estratégia político-militar situava-se maioritariamente em dois pilares. Nas suas inúmeras viagens à Suécia apresentava-se como um falido democrata, conseguindo obter uma “ajuda humanitária” superior a 45 milhões de coroas suecas<sup>7</sup>.

Já no que refere ao apoio para o treino e armamento, Moscovo era a sua cidade preferida. Essa posição até está bem demonstrada na carta escrita em 29Dez65 ao Comité Central do PC da URSS<sup>8</sup>, enaltecendo e aplaudindo as “gloriosas” vitórias soviéticas em favor dos chamados “povos oprimidos”, com uma descarada vista grossa ao

6 Liberté: Négritude et Humanisme? SEUIL 1964

7 A Suécia e as lutas de Libertação Nacional em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau – Tor Sellstrom ISBN 978-91-7106-612-1

8 Anexo 1, Carta de Amílcar Cabral ao Comité do PC da URSS.

tema dos Países Bálticos anexados pela URSS em 1940 e à invasão da Hungria (1956).

Se a Suécia sempre foi um povo generoso para com os desfavorecidos, já os soviéticos tinham razões importantes para apoiarem o PAIGC.

A sua postura em política internacional há muito que estava definida e visível aos olhos de todo o Mundo, a invasão da Checoslováquia (1968) clarificava as suas intenções.

A inclusão de Cabo Verde nos planos do PAIGC era, apenas e só, a moeda de troca para todo o apoio que a URSS lhes poderia disponibilizar, principalmente no que refere ao treino e ao armamento. O PAIGC podia pagar-lhes com algo de muito valioso.

Estávamos em plena Guerra Fria e já tinha havido a crise dos mísseis em Cuba. Ambos os Blocos, americano e soviético procuravam consolidar as suas posições.

As ilhas de Cabo Verde poderiam vir a ser uma posição privilegiada para a URSS poder controlar os mares do Atlântico Sul.